

## Voltar

### **OS DESCAMINHOS DE DRUMMOND**

Aos cinquenta anos, em 2006, já compreendia melhor o verso do poeta Drummond: “Na curva perigosa dos cinquenta...” É na perigosa curva dos cinquenta, bem depois do meio do caminho, que a gente passa a olhar, na embalagem, o prazo de validade do corpo, que infelizmente começa a vencer quando a alma parece mais experiente de si mesma e das coisas que a envolvem.

Derrapei na mais cruel das evidências: o tempo passa, sim, mas sobre nós. E pensava que, se tivesse de mudar alguma coisa, tinha de ser então, quando a adolescência ia comicamente chegando ao fim, sem que eu, após meio século de existência, conseguisse discernir algum sentido para a vida. Fui acometido, então, “na curva perigosa dos cinquenta”, de uma extemporânea catapora de criança e passei quinze dias enfeitado com a indesejável bijuteria das perebas, espalhadas no peito e nas costas. Era uma pequena experiência de Lázaro, o mendigo leproso da parábola de Jesus. Nada de grave; mexeu, porém, com minha autoimagem. Percebi, literalmente na pele, que o corpo não era só uma parte etérea da minha teoria do nada, mas algo concretamente sujeito à dissolução.

Mudar o quê, num homem já resignado a ser um zero à esquerda depois da morte? Pela primeira vez na vida, recorri a ansiolíticos para melhor suportar o tempo que passa; a sertralina logo me deixou gordo e tranquilo. Não seria, porém, pelas mãos do poeta mineiro que atravessaria aquela curva perigosa do tempo, que separava duas fases da vida: a rápida juventude que se despedia e a velhice que me abria os braços. Drummond já não tinha mais nada a me dizer. O próprio ceticismo estava ficando cansativo... Ainda não imaginava, apesar de tudo, o que estaria reservado para mim, quatro anos mais tarde!

Não tinha sido assim, no passado. O poeta mineiro contribuiu bastante para o crescimento do deserto existencial da minha geração. Pela leitura eu já o tinha, desde a juventude, acompanhado noutra estrada, sombria e cheia de riscos. Era uma

estrada pedregosa de Minas, palmilhada ao crepúsculo, ouvindo junto a ele um sino rouco misturar-se ao som pausado e seco de seus sapatos. Como esquecer? Havia aves pairando no céu de chumbo, e suas formas pretas lentamente se diluíam na escuridão maior, vinda dos montes mineiros, do próprio ser desenganado do poeta e do meu coração sedento de companhia para aquele mergulho no abismo. Era uma desilusão que, pela magia da palavra poética, ia fortalecendo enormemente o desengano do jovem leitor.

Quem conhece a obra do poeta sabe que acabei de citar alguns versos iniciais do belo e trágico poema “A máquina do mundo”, em que Drummond revelava a sua dificuldade de crer em Deus. Pobre poeta! O que o tornou tão distante da Igreja, depois que foi expulso de um colégio de jesuítas, no início do século XX?

Quando reli a “A máquina do mundo”, um pouco antes da conversão, me decepcionei bastante. Mais que os poemas do mineiro, são alguns versos de Drummond que ficaram impressos na memória, aqueles que todo mundo conhece: “Itabira é só uma fotografia na parede, mas como dói”, “Havia uma pedra no meio do caminho”, “Minas não há mais”, “Mundo mundo vasto mundo”, “Perdi o bonde e a esperança”, “E agora, José?”, “Tenho apenas duas mãos e o sentimento do mundo”, “Eta vida besta, meu Deus!”, “A poesia é incomunicável. Fique torto no seu canto”, “Chegou um tempo em que não adianta morrer”, “Lutar com palavras é a luta mais vã”, “Minha mão está suja. Preciso cortá-la”, “Este é tempo de partido, tempo de homens partidos”. Talvez o verso drummondiano que mais me marcou tenha sido aquele que, não querendo sair da alma do itabirano e materializar-se em palavras, inundava no entanto toda a vida do autor. Um não verso, um quase verso que, mais que verso, era o sentimento lírico anterior à configuração linguística concreta.

Sua poesia está sempre associada a algo que o impedia de caminhar. Certa vez, caminhando ele distraidamente por outra estrada de Minas, viu uma pedra no meio do seu caminho, da qual jamais se esqueceria. Devia ser uma pedra enorme; uma pedra de Sísifo; uma pedra metafísica. É uma das pedras mais famosas da literatura brasileira. “E agora, Carlos?”, perguntou-se. Como

continuar o caminho? Não achava resposta. Só lhe restava exclamar:

— Eta vida besta, meu Deus!

Mas Deus já era, então, uma palavra vazia. E não sabia o que fazer no mundo, vasto mundo, do seu coração sem Deus. Mas era preciso viver. A vida era uma ordem. Então, o poeta lia, escrevia, bebericava conhaque com amigos e espiava pernas de mulheres que passavam pelas ruas de Belo Horizonte e, posteriormente, do Rio de Janeiro, onde viveria até a morte. Drummond é o poeta dos caminhos que levavam a lugar nenhum. E caminhou bastante por esses caminhos sem ponto de chegada: morreu bem velho, depois dos ombros suportarem o mundo sem Deus por oitenta e cinco anos.

Não havia mais o que fazer num mundo sem transcendência, além de construir poemas. Embora convicto de que fosse impossível escrever um único verso de verdadeira poesia àquela altura da evolução da humanidade — em que os homens se matavam como percevejos e a tecnologia não resolvia os grandes problemas da alma —, Drummond descobriu que seguir fazendo poemas era uma boa solução para continuar a administrar o tédio, após a desilusão comunista da juventude. Seus versos eram a sua cachaça; boa e perigosíssima cachaça mineira.

A família sempre lhe pesou — peso sufocante de pedra itabireense. Repressiva e preguiçosa, calada e feliz, a tradicional família mineira era uma das pedras que lhe obstruíam o caminho. Mas resolveu casar-se, como a maioria dos homens. Cachaça importante para os entediados da vida é o amor da carne. Drummond constituiu família...

Era bem diferente a sua concepção de família e a do outro poeta famoso da época, seu mestre confesso: Manuel Bandeira. Para este, que não se casou nem teve filhos, família era uma coisa boa de recordar, para sempre perdida na infância pernambucana. Já o poeta mineiro, que teve uma única filha, jamais conseguiu se livrar de uma coisa má chamada família, que estava morta e enterrada em sua Minas que não havia mais, mas cujo incômodo fantasma transportaria por toda a vida.

Se estava convencido da inutilidade e do anacronismo da instituição familiar, Drummond devia ter criado a sua própria

segundo os novos moldes do comunismo, a que serviu fielmente nos anos 30 e 40. E até que tentou! Na verdade, foi um híbrido mal composto de senhor medieval e revolucionário dos anos 60. Mais ou menos como o pai do poema narrativo “Caso do vestido”, o poeta durante trinta anos deixou a esposa em casa, para encontrar-se com a amante bibliotecária. Nisso, foi um mineiro exemplar; um brasileiro exemplar.

Sobre o seu relacionamento com a filha, pairam estranhas sombras. O genro Octavio Mello Alvarenga, que também era escritor e foi o segundo marido de Maria Julieta, disse coisas graves do Drummond pai, em *Rosário de Minas* (Lidador, 2003): o poeta teria tido, com Maria Julieta, um relacionamento quase incestuoso, mais de namorado ciumento do que de pai mineiro. Não é impossível que o genro escritor fosse mais um freudiano exagerado, desses que veem sexo em tudo, também ele um marido enciumado de um sogro somente amoroso, apegado à filha única. Tudo, na falta de Deus, é permitido a um pai, mesmo mineiro; mas também o é para a imaginação de genros entupidos de Freud.

Se dissesse que Drummond era um poeta absolutamente necessário em minha biblioteca, estaria mentindo. Nunca fui moderno o suficiente para assimilá-lo bem: passei da aldeia caipira para a global sem baldeação na Cidade Grande, cuja experiência me parece fundamental para a devida compreensão de sua obra, apesar dos aspectos universais que sua obra poética passou a revelar depois da militância comunista. Melhor identifico-me com poetas que nunca saíram da província, mesmo se viviam em Porto Alegre, como Mário Quintana, ou até se giraram o mundo, como Ribeiro Couto, sem falar naquele velhinho provinciano que tinha um olho na Pasárgada hedonista e outro na cruz nazarena.